A MONARQUIA NO CONTINENTE AMERICANO
THE MONARCHY IN THE AMERICAN CONTINENT

Weslen Martins da Silva
Graduado em Licenciatura plena em História – UNOPAR.
Acadêmico do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Teologia e História das Religiões - FAVENI.

Resumo

A grande maioria das colônias europeias ao se tornarem independentes cortaram os laços políticos com suas antigas metrópoles e suas respectivas coroas, entretanto, um caminho diferente foi tomado por alguns países que ao se tornarem independentes, mantiveram uma união com a coroa da qual eram súditos. O presente artigo tem o objetivo de analisar quais países no continente americano são governados sob uma monarquia constitucional parlamentar. Historicamente dois grandes impérios se formaram, o brasileiro e o mexicano, que se findaram com golpes de estado derrubando seus respectivos imperadores. Atualmente uma dezena de países são monárquicos, os chamados Reino da Comunidade Britânica das Nações, países totalmente independentes de sua antiga metrópole colonial, mas que, declarada sua independência, mantiveram uma União Pessoal com a coroa britânica, compartilhando o mesmo soberano como chefe de estado. Países soberanos ou mesmo territórios dependentes, fazem um número considerável de terras americanas serem governados em nome de cabeças coroadas. Nenhum monarca reside permanentemente em seus países na América, mas são representados por governadores ou Governadores-Gerais e regularmente se fazem presente com visita, seja do soberano ou de algum membro das famílias reais. O artigo analisa as prerrogativas dos monarcas em seus países americanos, a popularidade da coroa, manifestações republicanas por parte da população e dos agentes políticos e esclarece que hoje (2020) a monarquia ainda está presente na América e goza de estável índice de popularidade para a manutenção do regime monárquico.

Palavras-chave: Comunidade Britânica; Monarquismo; Parlamentarismo.

Abstract

The vast majority of European colonies, when they became independent, severed political ties with their former metropolises and their ancient crowns, however, a different path for some countries that, when they became independent, maintained a union with the crown of which they were subjects. This article aims to analyze which countries on the American continent are governed under a parliamentary constitutional monarchy. Historically, two great empires were formed, the Brazilian and the Mexican, which met with coups d'état overthrowing their respective emperors. Currently a dozen countries are monarchical, the so-called Kingdom

of the Commonwealth of Nations, countries totally independent of their former colonial metropolis, but which, having declared their independence, maintained a Personal Union with the British crown, sharing the same sober as head of state. Sober countries or even dependent territories, cause an added number of American lands to be governed in the name of crowned heads. No monarch permanently resides in their countries in America, but they are represented by governors or governors-general and are regularly present with visits, whether from the sovereign or a member of the royal families. The article analyzes the prerogatives of monarchs in their American countries, a popularity of the crown, republican manifestations on the part of the population and political agents and clarifies that today (2020) the monarchy is still present in America and enjoys a stable popularity index for the maintenance of the monarchical regime.

Keywords: British Commonwealth; Monarchism; Parliamentarism.

Introdução

Existe a crença de que a monarquia é algo do passado, reais e rainhas é algo que se assemelha a Idade Média, jamais aos tempos modernos. A monarquia é atacada por seus adversários e comumente rotulada como não democrática, retrógrada, cara e fora da realidade.

Quando se fala em reis vem em mente a Inglaterra, país constituinte do Reino Unido, e sua monarca, Elizabeth II. Provavelmente a Casa Real Britânica seja a mais famosa do mundo, seus eventos públicos como casamentos, funerais, jubileus e outros atos públicos da realeza, atraem espectadores do mundo inteiro, que viajam à Londres para acompanhar pessoalmente ou aqueles que assistem pela TV. Fama que cativa o imaginário popular, ao trazer para perto do povo um pouco de "contos de fada", príncipes galantemente vestidos com uniformes militares, carruagens puxadas por cavalos, jovens belas plebeias que se casam com um "príncipe encantado". A Netflix, plataforma de streaming, também ajudou na divulgação da monarquia britânica com sua aclamada série *The Crown*, que conta a história das seis décadas de reinado de Elizabeth II.

Menos famosas, Dinamarca, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo e Japão são algumas das monarquias que hoje estão em pleno vigor. Por mais passível de crítica, em sua estrutura até o início do século XX, não se pode insistir em caracterizá-las como opressivas ou fontes de atraso, já que estão na vanguarda do progresso e da democracia (Carvalho, 1991). Mas em nenhum momento se fala de coroas nas américas, houve tentativas bem-sucedidas como o Brasil

e outras que não se sustentaram por muitos anos como o México e o Haiti, todos no século 19. Mas a pergunta que se faz é: em pleno século XXI, há monarquias nas Américas ou coroas e tronos ficaram no passado colonial?

Histórico

O Novo Mundo, quando descoberto no século XV, passou a ser governado pelas grandes potências europeias, o Império Britânico e o Império Francês dividindo a parte norte do continente, hoje Estados Unidos da América e o Canadá e o Império Português junto com o Império Espanhol dividindo a parte central e a América do Sul. Em uma proporção menor, a Holanda também se fez presente nessa partilha colonial.

O processo de independência ocorreu de formas distintas nesses territórios. O primeiro a se emancipar de sua metrópole foram as Treze Colônias em 1776, formando os Estados Unidos da América e assumindo um sistema republicano de governo.

A emancipação da América Espanhola se deu por influência das ideias iluministas. A elite letrada, desprovidos de poderes políticos nas instituições governamentais da colônia, por ser em sua grande maioria criolla, filhos de espanhóis nascidos na América, tendo sua metrópole enfraquecida em consequência da invasão napoleônica no território do Reino de Espanha e o interesse comercial da Grã-Bretanha e dos EUA por novos mercados consumidores, em detrimento do monopólio comercial espanhol e pôr fim a restauração da autoridade colonial espanhola, pós Guerras Napoleônicas, foi o estopim para a rebelião. Com apoio financeiro anglo-americano, Simon Bolívar e José de San Martins, com poder militar fizeram a independência dos vários territórios espanhóis na América.

Com uma breve e conturbada tentativa de formar uma monarquia no Império Mexicano, coroando um príncipe austríaco da Casa de Habsburgo, Império com uma breve vida e fuzilamento do seu imperador e uma república sendo proclamada, todos os demais antigos vice-reinos, ao se emanciparem, escolheram a república.

O Brasil foi na contramão do continente, tais razões se dão pela vinda em 1808, fugindo da invasão napoleônica ao território português, da Família Real Portuguesa. A Corte ao se instalar na cidade do Rio de Janeiro, começou um projeto de Nação. Em 1822, D. Pedro, herdeiro do trono português e príncipe regente do Brasil, no dia 07 de setembro, anuncia que depois daquele dia o Brasil se tornava uma Nação por direito próprio. Nascia ali o Império do Brasil (1822-1889).

A monarquia brasileira teve dois soberanos, D. Pedro I e D. Pedro II. Além dos dois soberanos, o Brasil passou pelo Período Regencial, que durou da abdicação do primeiro imperador brasileiro, Pedro I, até a declaração da maioridade de Pedro II, em 1840, e das regências da princesa Isabel, herdeira do Trono, durante a ausência do imperador.

A Casa de Bragança imperou em terras tupiniquins até 15 de novembro de 1889, quando tropas armadas, sem participação popular, em decorrência do desgaste do governo imperial do primeiro-ministro Visconde de Ouro Preto com os militares do exército nacional, amotinaram-se e marcharam contra o Império. Influenciados pelo positivismo e pelos ideais da revolução francesa, proclamaram a República dos Estados Unidos do Brasil e exilaram a família imperial brasileira.

Países Monárquicos e seus Territórios

No ano de 2020, dez países do continente americano estavam sob uma monarquia constitucional parlamentar. Todos os países são membros da Comunidade Britânica das Nações, a *Commonwealth*, tendo a rainha Elizabeth II como soberana. Os Reinos da Commonwealth na América são:

- **Antígua e Barbuda**
- **Bahamas**
- **Barbados**
- **Belize**
- **Canadá**
- **Granada**
- **Jamaica**
- **São Cristóvão e Nevis**
- **Santa Lúcia**
- **São Vicente e Granadinas**

Além de nações soberanas, outros onze territórios, que pertencem a nações europeias, também são administrados sob a monarquia de suas respectivas metrópoles. Os Territórios não-soberanos e seus respectivos monarcas:

- **Anguilla – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Aruba – Países constituinte dos Países Baixos – Willem-Alexander**
- **Bermudas – Reino Unido – Elizabeth II**

- **Ilhas Virgens Britânicas – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Ilhas Cayman – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Ilhas Falkland – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Groenlândia – Dinamarca – Margrethe II**
- **Montserrat – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Antilhas Neerlandesas – País constituinte dos Países Baixos – Willem-Alexander**
- **Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul – Reino Unido – Elizabeth II**
- **Ilhas Turcas e Caicos – Reino Unido – Elizabeth II**

Três monarcas europeus reinam atualmente na América, Elizabeth II do Reino Unido, Margrethe II da Dinamarca e Willem-Alexander dos Países Baixos (Holanda). Como esses soberanos residem em seus respectivos países e não podem manter residência permanente nesses territórios, eles são representados por um Governador ou Alto Comissário, que tem a função de representar o monarca.

Os Reinos da Commonwealth, países soberanos, não podem ser associados como dependência ou territórios do Reino Unido apenas por compartilharem o mesmo Chefe de Estado, a Rainha. São países soberanos em uma união pessoal, compartilhando a mesma coroa.

Em um exemplo, nenhuma legislação britânica tem efeito em território canadense. A rainha Elizabeth ao chegar em qualquer dos reinos da Commonwealth não age como rainha britânica e sim como rainha do respectivo reino em que se encontra. Por manter residência permanente na Grã-Bretanha, Sua Majestade é representada por um Governador-Geral, que tem o poder de fazer uso das prerrogativas reais, poderes políticos reservados ao monarca, previsto na constituição de cada país, em nome da rainha.

O monarca é o chefe de estado e desta forma tem as obrigações que o cargo impõe. O papel político de gerir a nação cabe ao primeiro-ministro (chefe de governo). Cabe ao Governador Geral, na ausência da rainha, as seguintes funções:

- **Dar o consentimento real** – Assinar uma lei aprovada no Parlamento;
- **Nomear ou demitir Primeiro-Ministro e os ministros de Estado;**
- **Dissolver o Parlamento e convocar as eleições gerais;**
- **Ler o Discurso do Trono** – Abertura da sessão parlamentar, onde o Governador Geral faz a leitura do ano legislativo, sentado no Trono Real.
- **Receber ou fazer visitar de Estado**
- **Personificar o Estado**

Monarquismo e Republicanismo

Fora dos centros acadêmicos, há pouco debate em reformar as constituições e abandonar a monarquia constitucional. No ano de 2009, um referendo constitucional perguntou aos cidadãos de São Vicente e Granadinas se aprovavam uma nova constituição que iria abolir a monarquia e adotar o sistema republicano.

Bruce Mabley, ex-diplomata canadense, publicou, no The Globe Post, um artigo em defesa do fim na monarquia, afirmando que era "hora de acabar com a monarquia britânica no Canadá". O diplomata acredita que manter laços com a monarquia faz com que o país não seja totalmente independente de seu antigo senhor colonial.

> Os canadenses devem abolir a monarquia britânica no Canadá, uma vez que ela atiça o fogo da independência de Quebec, produz aberrações democráticas como um Senado corrupto e não eleito, custa ao contribuinte custos diretos e indiretos que lucram com toda uma série de nobres ineptos enquanto simbolizam a natureza permanente da posição colonial do Canada no mundo. Na verdade, estamos muito longe de simplesmente objetar à necessidade de parecer favorável do rei aos projetos de lei do parlamento canadense. (MABLEY, 2018)

Na contramão dos argumento antimonárquicos de Mabley, Stephen K. Roney, escritor e professor universitário canadense faz uma defesa enfática da coroa. Roney afirma que mesmo compartilhando com a Grã-Bretanha a mesma chefe de estado, o Reino Unido não tem nenhuma influência nos assuntos internos e externos do Canadá.

Ainda de acordo com Roney (2018), o ex-premiê canadense, Pierre Trudeau, comparou o Canadá como um rato dormindo ao lado de um elefante, os EUA. Mas preservar a monarquia é uma forma de afirmar a independência canadense em relação ao seu vizinho imediato ao sul: "isso nos torna fundamentalmente e constitucionalmente diferentes dos Estados Unidos e de seu republicanismo assertivo. Só por esta razão, a maioria dos canadenses preza a monarquia.".

> Para uma nação se unir e trabalhar como nação, ela deve ter algum princípio ou símbolo unificador. A cooperação com estranhos não é natural. Não existe símbolo melhor do que um rosto humano. Sem lealdade a um monarca e a uma família real, a alternativa óbvia é um apelo aos laços de etnia, a outros como você, como se tivesse alguma relação familiar distante. Historicamente, as monarquias parecem ser melhores do que a nacionalidade para unificar as pessoas sob um governo. Isso é lógico: é mais fácil se identificar com outro ser humano do que com uma cultura e

> história compartilhadas teóricas. Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Dinamarca, Japão, Holanda, Suécia, Noruega são monarquias. Todos esses são países comumente apontados como tendo níveis incomumente elevados de consenso social, igualitarismo e paz civil. Talvez haja um motivo. (STEPHEN K. RONEY, 2018)

Em São Vicente e Granadinas, o governo do primeiro-ministro Ralph Gonsalves, Partido Trabalhista Unitário (ULP), fez ampla campanha pela aprovação, voto "Sim". Afirmando que, apesar de não ter nada contra a Rainha, o governo acreditava que havia chegado o momento de o país ter um São-vicentino como Chefe de Estado. Dos 52,262 eleitores do país, 29,167 (55,29%) votaram contra a proposta republicana e 22,646 (43,71%) votaram pela mudança constitucional.

Na Jamaica, os primeiros-ministros Portia Simpson-Miller e Andrew Holness, do Partido Nacional do Povo, declararam que seus governos tinham a intenção de tornar o país uma república, mas não tiveram, até o presente momento, apesar de pesquisas afirmarem que 55% da população é favorável a mudança constitucional, o apoio necessário de dois terços nas duas casas do Parlamento para apresentar a proposta de referendo.

Em setembro de 2020, Dame Sandra Mason, Governadora-Geral de Barbados, no Discurso do Trono, abertura do ano legislativo, anunciou que o governo da primeira-ministra Mia Mottley, Partido Trabalhista de Barbados, tornaria o país uma república até o mês de novembro de 2021. O partido tem a maioria de dois terços das duas casas do parlamento, suficiente para aprovar uma emenda constitucional, entretanto há o debate de que abolir a monarquia apenas poderia ser feito via referendo popular.

A monarquia no Brasil foi derrubada por um golpe militar em 15 de novembro de 1889, passados mais de cem anos da queda do regime monárquico, um referendo foi convocado no ano de 1993, uma exigência da nova constituição republicana de 1989, para que a população decidisse entre monarquia e república. A república venceu com 86,60% dos votos, contra apenas 13,40% que apoiaram o retorno da monarquia.

Apesar do resultado do referendo, o apoio a monarquia no Brasil vem crescendo. Quatro partidos declaradamente monárquicos buscam registro junto ao Tribunal Superior Eleitoral.

Em meio à crise política existente no país desde 2014, grupos monarquistas surgiram nas redes sociais e tiveram participação ativa nas manifestações que pediram o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Os grupos que mais se destacam nas redes sociais são *Pró Monarquia, Monarquia Brasil* e *Movimento de Restauração da Monarquia no Brasil*.[1]

[1] Gazeta do Povo – 2018

A Questão Dinástica Brasileira, divisão dentro da Família Imperial sobre qual ramo teria o direito de assumir a coroa em uma eventual restauração, ainda divide os monarquistas no Brasil. O ramo reconhecido como detentor dos direitos dinásticos, Ramo de Vassouras, é liderado por Sua Alteza Imperial e Real D. Luíz de Orléans e Bragança, 82 anos, que sem herdeiro direto, será sucedido na chefia da Casa Imperial por seus irmãos.

A Família Imperial voltou a ter poder político quando nas eleições gerais de 2018, Luis Philippe de Orléans e Bragança, membro do Ramo de Petrópolis, que não tem direito dinástico ao trono do Brasil, foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, pelo PSL, então partido do presidente da república e base de apoio parlamentar do Governo Federal.

Conclusão

Apesar da crença de que na América não existe monarquias, foi demonstrado no decorrer desse artigo, que existem tantos países soberanos, governados sob uma monarquia parlamentarista, quanto territórios dependentes, mas que detém relativa autonomia administrativa em relação a suas metrópoles.

É notório o fato que a maioria absoluta dos países soberanos do continente americano, são repúblicas presidencialistas espelhadas nos Estados Unidos da América. Entretanto, não se pode negar ou omitir que há monarquias estáveis e democráticas, o Canadá, uma monarquia federal, ocupa a posição de 9ª maior democracia do mundo[2] e também movimentos monárquicos crescentes com o objetivo de restaurar o regime, outrora derrubado.

Também não é correto afirmar que tais países, por compartilhar a mesma rainha que o Reino Unido, ainda estão submissos a um passado colonial. Cada nação soberana é livre e independente para tomar as decisões que melhor beneficiem seu povo, dentre essas decisões está a da manutenção do coroa. O fato de compartilhar o mesmo chefe de estado, tem trazido benefícios comerciais aos países membros da Comunidade Britânica das Nações e concedido estabilidade política aos países, pois o posto máximo da Nação não está sujeito aos ventos políticos da vez.

A rainha, mesmo que representada por um Governador-Geral, não está alheia as peculiaridades e a política diária de cada país. Ela recebe cotidianamente os documentos oficiais de cada país, para ser informada sobre o que se passa no Parlamento e em seus governos, está em contato direto com cada vice-rei (governador-geral), ela ou os membros da Família Real

[2] The Economist – 2009

fazem visitas aos países, onde é visível o apoio do povo à sua realeza, pois as ruas ficam lotadas para vê-los, além de presidir as reuniões da Comunidade na presença de todos os primeiros-ministros.

Portanto, a diversidade política na América é demonstrada na presença de repúblicas e monarquias. Monarquias estáveis onde não se vislumbra num futuro próximo o seu fim, países onde há movimentação política, mas não forte movimentação popular no sentido de abolir o regime monárquico e instaurar uma república e, por fim, estáveis regimes republicanos que veem movimentos populares para restaurar no trono a sua antiga realeza.

5. Imagens

A Rainha em Antígua e Barbuda

A Rainha das Bahamas visitando Nassau em 1994

A Rainha de Barbados, visita oficial 1977

A Rainha de Belize em visita oficial

Discurso do Trono da Rainha do Canadá – 1977

A Rainha de Granada em 1985

A Rainha da Jamaica, Jubileu de Ouro 2002

SAR o Duque de Sussex em São Cristóvão e Nevis

A Rainha em Santa Lucia – 1960

Rei Willem-Alexander em Aruba

Rainha Margrethe II na Groenlândia

Referências

Aruba Today. **Dia do Rei.** Disponível em <https://www.arubatoday.com/kings-day/> Acesso em outubro de 2020.

BCC NEWS. **Jamaica romperá vínculos com o Queen, diz o primeiro-ministro Simpson Miller.** Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-16449969> Acesso em setembro de 2020.

Canadian Broadcasting Corporation. **Monarquia constitucional do Canadá.** Disponível em <https://www.cbc.ca/news/canada/canada-s-constitutional-monarchy-1.911958> Acesso em outubro de 2020.

Carvalho, José Murilo de. **Caderno de Ideias (p. 4-6) do Jornal do Brasil** de 14 de abril de 1991.

Gazeta do Povo. **"Por que tanta gente quer a volta da monarquia no Brasil?".** Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/por-que-tanta-gente-quer-a-volta-da-monarquia-no-brasil-5nte9wsbyvuo9ywa6ricylfi8/> Acesso em outubro de 2020

GOMES, Laurentino. **1889.** 1 Ed. São Paulo: Editora Globo, 2013.

Jamaica Observer. **55% dos entrevistados dizem que a rainha deve ir.** Disponível em <http://www.jamaicaobserver.com/news/55-of-respondents-say-the-queen-must-go_200465> Acesso em setembro de 2020.

Mabley, Bruce. **É hora de acabar com a monarquia britânica no Canadá.** The Globe Post, Canadá, 16 de maio de 2018. Disponível em <https://theglobepost.com/2018/05/16/british-monarchy-canada/> Acesso em outubro de 2020.

Revista Terra. **Quatro partidos monárquicos buscam registro no Brasil.** Disponível em <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/quatro-partidos-monarquicos-buscam-registro-no-brasil,527c97730cbda310VgnCLD200000b bcceb0aRCRD.html> Acesso em outubro de 2020.

Roney, Stephen K. **Uma defesa da monarquia do Canadá.** The Globe Post, Canadá, 20 de maio de 2018. Disponível em < https://theglobepost.com/2018/05/20/defense-canada-monarchy/> Acesso em outubro de 2020.

The Commonwealth. **Member countries.** Disponível em <https://thecommonwealth.org/member-countries> Acesso em outubro de 2020.

The Guardian. **Barbados revive plano para destituir a Rainha da chefia de Estado e se tornar uma república.** Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2020/sep/16/barbados-revives-plan-to-remove-queen-as-head-of-state-and-become-a-republic> Acesso em outubro de 2020.

The Economist. **Índice de Democracia 2019.** Disponível em <https://www.eiu.com/public/topical_report.aspx?campaignid=democracyindex2019> Acesso em outubro de 2020.

The Telegraph. **Jamaica revela plano para abandonar Queen como chefe de estado.** Disponível em <https://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/16/jamaica-unveils-plan-to-ditch-queen-as-head-of-state/> Acesso em setembro de 2020.